Mariapolis Ginetta, 25 de Maio de 2011

9:00 O FIO DE OURO DA EdC NO BRASIL E A ESCOLA AURORA

Gostaria, mesmo se brevemente, de recapitular com vocês, os primeiros passos das etapas da maravilhosa história do desenvolvimento da EdC no Brasil. Esta história reflete a idéia que Chiara teve e, justamente nesta sala, comunicou no seu discurso sobre a **Economia de Comunhão no dia 29 de maio de 1991.**

Após o discurso de Chiara, que passou a ser chamado com o nome "A Bomba", pois teve o efeito de espalhar uma esperança contagiante, ela pediu às pessoas que estavam na sala que se manifestassem a respeito daquilo que havia dito.

Cada um de nós se sentiu tocado profundamente e se lançou a dar uma contribuição pessoal nas mais variadas formas. Alguns empresários aderiram imediatamente com as empresas que já possuíam, aconteceu uma surpreendente comunhão de bens: dinheiro, jóias, terrenos, casas, disponibilidade de tempo e de trabalho, disponibilidade de transferências, oferta de sofrimentos e da própria vida. Outras pessoas se propuseram a montar empresas. Um grupo pensou numa confecção, outro uma policlínica, e naquele mesmo dia, um grupo de professoras se aproximou de mim sugerindo que montássemos uma Escola.

Mas, não é possível falar da concretização de tudo isto, sem mencionar uma figura chave que foi Ginetta Calliari, provavelmente a maior intérprete dessa proposta de Chiara.

Desde o início, ela dedicou-se incansavelmente para que o projeto "decolasse" e, com a sua fé singular, estimulou todos nós que aderimos ao projeto, contagiando-nos com a certeza de que se tratava de um projeto de Deus e não dos homens, portanto, valia à pena arriscar tudo por ele.

Na verdade, existia um solo fértil porque Ginetta havia já preparado o terreno por muitos anos, através do seu amor pelo povo brasileiro. Ela viu na EdC uma resposta para as chagas dos problemas sociais com os quais conviveu aqui. Ela acreditou no projeto e em cada um de nós, nos impulsionou e nos levou a acreditar junto com ela.

Com a grande motivação de responder a Chiara com fatos, não só com palavras, houve uma adesão imediata dos membros internos: dos ricos aos pobres, dos pequenos aos grandes, provocando um germinar de vida nova, de idéias a serem atuadas. Em todos existia uma certeza inabalável que sustentou os vários projetos.

Para concretizar as palavras de Chiara: "**Somos pequenos, pobres, mas muitos**"- um grupo começou os estudos para constituir uma Sociedade Anônima, da qual todos pudessem participar, mesmo com um capital mínimo.

Até as crianças organizaram várias atividades a fim de recolher fundos, que lhes permitiam ser protagonistas neste projeto. Mesmo os mais necessitados quiseram oferecer a própria contribuição, alguns com 50 centavos, por mês, até mesmo uma galinha: era o óbolo da viúva que atraía as bênçãos do Céu.

Enquanto se procurava um terreno que tivesse os requisitos, mas principalmente, que tivesse a "vocação" para o Pólo, começavam a se constituírem as novas empresas. A La Tunica, a Escola Aurora, o escritório de contabilidade Comunione, a Policlínica Ágape procuraram na cidade, locais apropriados para iniciar suas atividades.

Quando se adquiriu o terreno do Pólo Industrial "Spartaco" foi construído o primeiro galpão para a primeira empresa a "La Tunica".

As iniciativas eram numerosas, às vezes, pequenas, mas sustentadas e encorajadas pela generosidade, pelo empenho não isento de sacrifícios, de

muitos membros do Movimento, além da audácia daqueles que se sentiram chamados pessoalmente a colaborar e a levar adiante este projeto.

As palavras de Chiara nos marcaram profundamente:

> *"...ou o nosso projeto da Economia de Comunhão decola, ou perdemos o encontro marcado com a história."*

A história do Pólo e das primeiras empresas continua a nos sustentar profundamente, até hoje, como alicerce do plano de Deus sobre a EdC..

Concluído o primeiro galpão vimos delinear-se a necessidade de um segundo. Porém, era necessário um novo impulso econômico por parte de toda a Obra.

Em 1994, Chiara, propôs novamente a realidade da Economia de Comunhão, que teve a ressonância de uma segunda explosão da Bomba, dizendo:

> *"(…) todos nós devemos fazer o que está ao nosso alcance. (...) Intuo que, apesar de toda a nossa boa vontade, essa atividade precisa de um novo impulso para caminhar bem, cheia de esperanças, como na época em que nasceu."*

Sentimos a urgência de aumentar o número de acionistas, assumindo a responsabilidade da construção da cidade terrestre ao lado da cidade celeste. Lembramos alguns fatos:

Numa noite chuvosa, voltando para casa depois de um dia intenso de trabalho, num determinado trecho da estrada, diante de um grande núcleo de favelas, o carro de **Ercília** parou por causa do trânsito. Olhando para os barracos sob a chuva, uma pergunta lhe atormenta: *"O que você está esperando? Sim, é verdade... você já trabalha para a Economia de Comunhão. O seu trabalho garante um bom salário, você tem uma situação estável, segura... Por que esperar se aposentar para poder dar*

tudo de você mesma para a Economia de Comunhão?" Ela, então, deixou o seu trabalho como gerente num Banco, e com outras pessoas, fundou uma pequena empresa de detergentes e produtos de limpeza, a **ECO-AR**, com a esperança de transferir-se para o Pólo Industrial.

Neste ínterim, em junho de 1995, **François Neveux**, empresário francês e industrial especializado em fabricação de manufaturados plásticos, veio ao encontro nacional dos empresários, disposto a oferecer a sua tecnologia e a patente dos seus produtos. Durante a colocação da medalhinha no segundo galpão do Pólo, sentiu o impulso de colocar à disposição não só a sua tecnologia e patente, mas de abrir uma filial da sua fábrica, exatamente naquela construção. Assim, nasceu a **"ROTOGINE".**

E o projeto foi adiante. Foi necessário construir o terceiro galpão que receberia a **ECO-AR** que já funcionava num pequeno depósito. Era urgente consolidar o capital da ESPRI. Surgiu uma inspiração: encontrar, durante o período de consolidação, entre todos os internos da Obra no Brasil, 300 a 500 pessoas dispostas a **investir uma soma fixa** todos os meses. A proposta teve uma adesão generosa, permitindo, assim, a edificação do terceiro galpão.

Aos poucos, o Pólo Spartaco foi se constituindo, chegando ao que é hoje, abrigando 7 empresas e ainda com espaço para crescer.

Nestes anos, nem tudo foi fácil, nem todas as experiências iniciadas conseguiram seguir avante. Apesar de todos os esforços algumas empresas não continuaram... Outras empresas surgiram e os Pólos se multiplicaram.

Em 2003 surgiu Pólo Ginetta em Recife e em 2007 o Pólo foi inaugurado com o primeiro galpão, graças à força e a coragem dos **primeiros 113 acionistas, e dos atuais 1110.**

Logo após surgiu o **Pólo François Neveux em Belém**.

O número das empresas brasileiras que aderiram ao projeto da EdC passa de 100.

Falando a respeito destas experiências Ginetta disse:

> *"Podemos afirmar que a geografia de Deus não é a mesma dos homens, porque Deus, escolhendo o Brasil, conhecia a trágica situação econômica do País. Abrir empresas num contexto social como o nosso, no qual milhares de fábricas estavam se fechando por causa da crise econômica, é absurdo, é contra a lógica humana...*
>
> *Mas, esta "cidade terrestre" que revela uma Economia que desce do Céu, do coração da Trindade, não pode levar em conta os raciocínios humanos, pois Cristo quer que vivamos de fé: "Tudo é possível àquele que crê".*

No início, disse a vocês que, junto com algumas professoras abrimos uma Escola. Conto brevemente alguns tópicos desta nossa experiência:

Os primeiros desafios não tardaram a aparecer. Para conseguir o capital inicial, todas se propuseram a colocar uma quantia mensalmente e, para conseguir isto, cada uma encontrou uma forma. Uma, por vários anos deu aulas no período diurno para o sustento da sua família e no período noturno para ajudar a montar a Escola. Outras fizeram doações das suas economias, sem desejar nada em troca. Outras ainda, por vários anos, contribuíram com somas mensais. A generosidade foi a marca deste período.

O grupo que iniciou a Escola tinha uma missão bem clara: por um lado construir uma empresa da EdC, por outro, montar uma Escola que respondesse à grandiosidade do nome que recebera: Aurora, ou seja, o surgimento de algo novo na educação.

Nestes vinte anos de Escola, passamos por situações de crise, mas também experimentamos muitas alegrias. Vimos surgir, de fato, uma Escola nova, nova nos relacionamentos, nova na metodologia pedagógica centralizada na pessoa e nova nos resultados. Trabalhar duro, com grande responsabilidade e a certeza de que tudo é sempre muito pouco, muito pequeno, diante de um projeto tão grande recoloca-nos na verdadeira dimensão daquilo que fazemos.

Aprendemos que as melhores decisões são aquelas que tomamos em consenso, com a garantia de Jesus no meio e, que o relacionamento construído é, talvez, o nosso maior lucro.

Todo ano, elaboramos e reelaboramos com os alunos as regras de convivência da Escola. Neste ano, para comemorar os nossos 20 anos, fizemos uma grande revisão, com representantes eleitos de todas as salas. Novamente a regra de ouro "Fazer ao outro o que gostaria que fosse feito a você" foi eleita a regra principal e numa grande Assembléia dos alunos foram aprovadas as modificações realizadas.

Sempre tivemos a convicção que a educação não se restringe à escola, mas se estende a toda a vida.

Preparamos todos os anos uma Feira Cultural, onde isto se torna mais visível. Tudo é construído a partir do conhecimento e do relacionamento com o outro, e o outro pode ser: um colega, um professor, um funcionário, um familiar, um visitante! A Feira Cultural tem a capacidade de desencadear na Escola um aspecto importante do nosso agir: a cultura da ajuda. Na última Feira, este aspecto desabrochou de maneira espetacular. O que mais se ouviu foi... "posso ajudar?"

Comemorando junto com a EdC os 20 anos da Escola, concluímos que o que sempre nos impulsiona a continuar é a convicção de que aquele "sócio invisível" sempre nos sustenta e que cada uma de nós acredita firmemente

no projeto da EdC e queremos manter a todo custo o passo dado com Chiara.

Agora, temos um pequeno vídeo de 5 minutos mostrando a Escola, sob o ponto de vista de dois ex-alunos, que hoje estão cursando as faculdades de Cinema/ TV, e Sonoplastia.

Mariapolis Ginetta, 25 de Maio de 2011

Assembléia EdC 1991-2011-2031

9:45 Introdução

Luigino Bruni

A coisa mais importante desta Assembléia EdC 2011, é estarmos aqui, em muitos, no lugar onde tudo começou para a EdC, e podermos dizer juntos que a EdC está viva, que queremos trabalhar juntos e trabalhar mais, para que a sua profecia, a profecia de Chiara, se torne história, cada dia mais e melhor. Nunca é trivial e óbvio reunir-se para celebrar algo que está vivo 20 anos após o seu início. Sem a fé, a esperança e o amor de muitos de vocês (e de muitos que não estão aqui presentes), talvez hoje, vinte anos depois, só poderíamos comemorar algo profético, que, porém, não tinha funcionado na história. Mas nós viemos aqui para contar, como os primeiros apóstolos, os frutos que esta evangelização leiga no mundo econômico e social trouxe nestes 20 anos. Para dizer então que a EdC está viva e que nós continuamos a acreditar na sua profecia, e que, portanto, queremos enfrentar novos desafios, e tentar obter respostas para muitas questões que estão em aberto.

Por isso, a primeira palavra que vem à mente, abrindo esta Assembléia é alegria, festa. Esta Assembléia será, em primeiro lugar e acima de tudo, a festa de uma comunidade, de um povo que acredita que é possível amar e servir a nossa sociedade, a nossa gente, dando vida, no dia-a-dia, a uma economia e a empresas diferentes, e que sente uma vocação especial para isto.

Mas logo depois de festa, ou ao mesmo tempo, vem uma segunda palavra, que é responsabilidade. Estamos celebrando o vigésimo aniversário da EdC em um momento especial da economia e da

sociedade mundial, que está tentando sair (se é que sairá) da primeira grande crise da globalização, uma crise sistêmica, estrutural, um primeiro "infarto" do sistema capitalista.

São muitas as mensagens que emergem desta crise, mas a mensagem alta e clara é que a economia globalizada cria enormes oportunidades para a criação de riqueza, mas também produz novos custos, entre os quais uma incerteza radical nos sistemas financeiros e econômicos e a fragilidade dos mesmos, além de mais acentuados desequilíbrios sociais.

As crises ser tornarão uma parte estrutural do sistema que estamos criando, a regra e não a exceção, já que é o preço que pagamos para a nova economia. A crise como nova condição de normalidade, cria, em seguida, problemas em termos de ética e de justiça, pois muitas vezes as consequências das crises não são pagas pelos setores sociais que as produzem, mas geralmente, por setores muito mais pobres. É por isso que o tema da justiça social e da comunhão agora também é diretamente o tema dominante da nova economia, e não é por acaso que o Papa na sua carta Caritas in veritate citou a EdC como um caminho para a economia de hoje. No mundo está amadurecendo uma crescente intolerância no que diz respeito às desigualdades dentro dos países e entre os países, como se o homem pós-moderno, informado e globalizado, depois da democracia política começasse a buscar seriamente uma democracia econômica. Parece ter notado, com esforço e demora que a democracia econômica é uma parte essencial da democracia política. O mercado, de fato, sendo uma parte da vida comunitária regulamentada pela lei férrea da mútua vantagem, não consegue assegurar a justiça distributiva. Aliás, em certo sentido, se não for acompanhado por outros princípios e instituições co-essenciais

(como o doar), com o passar do tempo, o mercado tende a aumentar as desigualdades. Por um lado, de fato, o mercado é um lugar de liberdade e criatividade baseado em talentos individuais - e os talentos não são uniformemente distribuídos na população; por outro lado, na competição do mercado nem todos partem da mesma linha, e aqueles que hoje possuem mais (recursos, instrução, oportunidades ...) tendem a possuir ainda mais amanhã.

A nossa festa e a nossa alegria deve imediatamente abrir-se para a responsabilidade que nós temos como depositários de um carisma que tem algo especial a dizer no campo da vida econômica e social, responsabilidade em fazer a nossa parte neste desafio histórico de nosso sistema econômico. Devemos lembrar-nos que na EdC existiu desde o início, no seu DNA ou centelha inspiradora, uma dimensão global: Chiara chegando a São Paulo, como nos revelou Eli Folonari, em sua recente entrevista com Antonella Ferrucci , tendo que sobrevoar a cidade por causa do tráfego aéreo, viu os arranha-céus e a "coroa de espinhos", e sentiu o desejo de fazer algo para mudar o sistema de desenvolvimento, para procurar um novo caminho que não fosse nem o capitalismo nem o comunismo e não foi somente um desejo de tornar as empresas mais éticas e os empreendedores mais generosos. Hoje, então, enquanto observamos com um olhar agradecido e alegre o passado e com outro olhar cheio de esperança como crianças que tudo esperam do futuro (2031), devemos manter vivo que, para sermos fiéis à vocação EdC, enquanto nós trabalhamos em nossas empresas e no nosso mundo, devemos nos esforçar ainda mais para sentir em nossa pele o sofrimento do nosso tempo, a "dores de parto" deste sistema que talvez possa criar aquele algo novo que muitos procuram, e onde nós devemos ser protagonistas junto com muitos outros

companheiros de viagem. Se não fizermos isso e limitarmos a nossa ação às nossas empresas e aos nossos pobres, nós não seremos fiéis à vocação EdC que aponta para a mudança nas empresas, mas como caminho principal para contribuir com a mudança do sistema econômico e, portanto, do mundo.

Uma terceira palavra é memória, essa bela palavra bíblica, um dos pilares da nossa história. Quando o povo de Israel vivia momentos fortes, o ponto de partida era sempre lembrar que "fomos escravos no Egito" e que "fomos libertados e transformados em um Povo", dentro de uma Aliança. E, quanto mais duros e de provação eram os momentos, mais decididamente se recorria ao patrimônio da memória, principalmente da memória coletiva, porque dava e dá sentido à história que se vive. Estar aqui hoje significa, portanto, criar memória, recordar (trazer novamente ao coração, como afirmava Chiara) que participamos de uma história sagrada, uma Aliança (cada vez que nasce um carisma na Terra, se renova o pacto entre Deus e a humanidade , e se vislumbra uma terra prometida), para o Bem comum (ou seja, de todos, e de cada um, também nosso, coletivamente e individualmente). Significa lembrar que ,mesmo as pequenas coisas que levamos adiante no nosso trabalho diário, estão inscritos nesta história da salvação, nesta aliança, são passos rumo à "terra prometida" que o mundo de hoje espera.

E para isso vamos voltar àquele mês de maio de 1991, especialmente às "perguntas" que naquele mês nasceram em Chiara e nos seus companheiros de viagem. Vamos ver com cuidado as respostas a essas perguntas que nestes primeiros 20 anos surgiram, sabendo que as experiências humanas, especialmente as carismáticas, permanecem vivas e fecundas enquanto mantêm vivas as perguntas e sabem mudar

as respostas concretas e históricas, mesmo quando justamente para ser fiéis às perguntas têm a coragem de mudar modalidades concretas e históricas nas quais se concretizaram as respostas, que são, inevitavelmente, eventuais e transitórias. É muito importante e necessário que aqui na Mariápolis Ginetta / Araceli, e todos juntos, voltemos com honestidade e inteligência para estas questões que fundamentaram e deram origem à "bomba" de 1991 e, que em seguida tratemos com a mesma seriedade e inteligência, alguns problemas que a EdC encontra hoje, para, possivelmente, alterar algumas das maneiras pelas quais procuramos a encarnar a EdC, se acharmos que já não estão à altura dos desafios colocados pelas perguntas de Chiara, de 1991. E o fato de recordar será também um trazer novamente ao coração não apenas idéias, fatos e inspiração, mas também, as pessoas, os semblantes e histórias daqueles companheiros de viajem que já chegaram à terra prometida que nós precisamos construir aqui, na história. Para ouvir novamente, compreender bem as perguntas, e talvez mudar algumas respostas, nós viemos aqui naquela que, em 1991, se chamava Mariápolis Araceli, e agora foi intitulada por Chiara a Ginetta, Ginetta Calliari uma das co-fundadoras da EdC, sem cuja heróica fé, talvez nós não estaríamos aqui dizendo que a EdC está viva. Nas experiências carismáticas, a geografia tem o mesmo valor da história: o lugares dizem palavras de verdade e vida. Para realmente entender o carisma de São Francisco, mais cedo ou mais tarde, um franciscano talvez devesse fazer uma visita a Assis e aos locais franciscanos, pois São Damião e La Verna explicam o carisma como explica o livro dos Fioretti, e se alguém quer conhecer profundamente Gandhi e a não-violência, deveria ir para os lugares gandhianos. Por este motivo, há vários anos, decidimos que faríamos aqui, na Mariápolis

e em São Paulo este nosso encontro, para que nos inspirássemos também com os lugares, a língua, o gênio brasileiro e a vocação espiritual e social deste povo, coisas que tiveram um papel essencial antes, durante e depois daquele maio de 1991.

Finalmente, uma quarta palavra que eu gostaria de dizer-lhes nesta introdução é esperança, uma das virtudes cardeais no sentido que sem ela todas as outras virtudes não duram: sem esperança, sem acreditar e amar nenhum projeto funciona e produz frutos. Hoje nós temos um dever, mas também a alegria, de esperar, como e ainda mais que antes, na força humana, espiritual, social e econômica do projeto que nos foi confiado. Muitos de nós que estamos aqui hoje, começamos a aventura com Chiara, alguns desde o primeiro lançamento em 1991. Alguns vieram depois, e conheceram a EdC através do testemunho de outros; e se estamos aqui somos todos co-fundadores deste projeto, somos parte integrante que compartilha a responsabilidade pelo sucesso e fracasso da EdC. Chiara nos confiou uma inspiração, um desejo, uma esperança, mas esperou e espera que a inspiração se torne história, graças aos empresários, economistas, trabalhadores, acadêmicos, profissionais, consumidores, investidores, famílias, cidadãos que se sentem chamados a partir de dentro (issso significa "vocação") para doar as suas vidas, para que o mundo da economia seja mais unido, justo e fraterno, seja um lugar de excelência humana e espiritual. É por isso que a esperança é uma virtude a ser cultivada, nutrida, reforçada e re-escolhida nos momentos de provação, nos quais é antes de tudo a esperança que é ameaçada. E dizer esperança significa dizer, especialmente os jovens, que não são apenas o futuro, mas *uma forma diferente de encarar o presente*. É também, e sobretudo para os jovens, que quisemos colocar no logotipo o ano de

2031, para fazê-los sentir a EdC de hoje, não de amanhã, pois um movimento como o nosso não pode existir sem os jovens. Nós queríamos reservar mais espaço para os jovens no programa, mas não conseguimos, apesar de estarem presentes em momentos cruciais e simbólicos dos cinco dias.

Com alegria, responsabilidade, memória e esperança, então nós começamos estes dias de festa e também de muito trabalho, culminando na grande jornada do dia 29 de maio, em São Paulo, outro "lugar theoforo" da EdC, que a Providência quis que caísse num domingo neste 2011. Preferimos chamar de "Assembléia da EDC" e não, congresso ou conferência, porque, ao contrário das conferências, a lógica das intervenções que nós faremos será o diálogo. Não apresentaremos documentos, temas ou relatórios científicos, mas proporemos no período da manhã pontos para reflexão, pistas para o caminho, mais longas e articuladas em quatro conferências pela manhã, mais curtas nos painéis da segunda parte das manhãs, três painéis que foram construídos em torno dos três pilares EdC: a empresa, a pobreza, e a cultura. Os oradores serão convidados para a difícil tarefa de abrir e não fechar os discursos e ao mesmo tempo, trazer os frutos da vida e da reflexão destes primeiros 20 anos.

Estão previstas também experiências, mas o objetivo e o desafio que nos propusemos, é aquele de não contrapor o "discurso (ou reflexões) dos pesquisadores" às experiências de vida, mas oferecer experiências que são reflexivas e "boas práticas", e idéias de pesquisadores que nascem da vida e dão voz aos fatos. Creio que um dos pontos fortes da EdC que a tornam inovadora e fascinante é que nunca separou a teoria e a vida, cultura e experiência, empresários e acadêmicos, economia e reflexão mais ampla sobre a vida social.

Mariapolis Ginetta, 25 de Maio de 2011

Finalmente um grande agradecimento a todos aqueles que neste ano e alguns meses de preparação trabalharam árdua e seriamente, principalmente aqui no Brasil, e nas diversas comissões do mundo. Obrigado à Mariápolis que nos acolhe, e um grande obrigado a todos vocês por estarem aqui, tendo feito muitos sacrifícios, alguns até mesmo heróicos. E finalmente, obrigado a Chiara, que quis acreditar que a economia pode se tornar um lugar de excelência humana e espiritual, que inventou a EdC. Que possamos experimentar dias extraordinários, de vida, de luz, de conversão, para partir todos mais felizes, responsáveis, agradecidos pelo que foi recebido, cheios de nova esperança e mais radicais.Para que isso aconteça é necessário o trabalho e o empenho de cada um, a capacidade de ouvir critica e generosamente ao mesmo tempo, sentir–se fundadores co-responsáveis pela EdC, cientes de que se a EDC vai amadurecer, crescer e ser fiel à sua vocação dependerá de todos e de cada um de nós. Estamos confiantes de que seremos bem sucedidos.

Mariapolis Ginetta, 25 de Maio de 2011

(Transcrição integral da gravação)

MENSAGEM DE EMMAUS MARIA VOCE POR OCASIÃO DA CELEBRAÇÃO NO BRASIL

DO 20º ANIVERSÁRIO DA ECONOMIA DE COMUNHÃO, EM 29 DE MAIO DE 2011.

Rocca di Papa, 5 de março de 2011

Caríssimos participantes da Assembleia Internacional da Economia de Comunhão, reunidos no Brasil, na Mariápolis Ginetta, em Vargem Grande Paulista.

Que a minha grande e afetuosa saudação, também da parte do Movimento dos Focolares, possa chegar até vocês, a qual desejo estender também a todos que irão participar da celebração do 20º aniversário da Economia de Comunhão, no domingo, 29 de maio, no Auditório do "Memorial da América Latina", bem no coração da metrópole de São Paulo. Saúdo também todos aqueles que no mundo inteiro compartilham o desejo de que a lógica do amor e de comunhão penetre cada vez mais em todas as esferas da vida econômica.

Há vinte anos, exatamente no Brasil, Chiara Lubich – sentindo próprio o sofrimento que as grandes desigualdades geram ao dividir a comunidade humana e distanciar aqueles que possuem bens materiais dos que não os possuem; aqueles que possuem capacidades e competências para obter novas riquezas dos que não tiveram possibilidades de adquiri-las –, Chiara lançou a proposta para o surgimento de uma nova economia através de um apelo para se gerar empresas que trabalhassem para sanar esta ruptura.

Empresas que se desenvolvessem lado a lado de todas as demais, enfrentando as mesmas fadigas e dificuldades típicas da produção, da venda, do financiamento, da inovação, da competição de mercado, porém, não com o objetivo de enriquecer os proprietários, e sim, de realizar um serviço para o bem comum, que é o bem de todos, e de cada pessoa.

Chiara dirigiu tal convite, inicialmente, à comunidade do Movimento dos Focolares no Brasil. No entanto, grande número de pessoas, em todos os continentes, logo percebeu que o convite lhe era dirigido pessoalmente, como um verdadeiro chamado.

Muitas pessoas, de vários segmentos e convicções, dentro e fora do nosso Movimento, contribuíram nestes 20 anos para dar àquela cintila inicial o relevo e o desenvolvimento que superaram todas as expectativas de 1991.

Quando Chiara lançou a sua proposta, enfatizou que os lucros gerados pelas novas empresas seriam destinados para cobrir três finalidades: ajudar aos irmãos em precárias condições econômicas; para a formação das novas gerações a uma "cultura da partilha", e para o desenvolvimento da própria empresa.

No entanto, desde o início, os participantes do novo projeto consideraram como um fato natural que a gestão das empresas fosse caracterizada por uma "lógica de comunhão", lógica esta que conheceram através de Chiara e à qual procuravam conformar a própria vida pessoal e social.

O resultado disso é que hoje, o que mais impressiona e mais interessa quem conhece a Economia de Comunhão é, justamente, o estilo original dos relacionamentos com os funcionários, em primeiro lugar. E aqui está, inclusive, um dos aspectos do grande vigor que estas empresas possuem. Quando a abertura ao outro torna-se recíproca, compartilhada, então a capacidade de alcançar os objetivos comuns se multiplica, permitindo experimentar a presença da Providência divina, que muitos na Economia de Comunhão consideram como um autêntico "sócio invisível", fundamental para a vida de suas empresas e da comunidade. O mesmo relacionamento de reciprocidade se estabelece com os fornecedores, com os clientes e até mesmo com os concorrentes.

Ao criar este Projeto, Chiara Lubich tinha como objetivo imediato atenuar a crescente pobreza que naqueles dias ela havia encontrado nas favelas ao redor de São Paulo, pobreza que ela já havia conhecido bem de perto no início do Movimento em Trento, quando, juntamente

com suas primeiras companheiras, havia trabalhado com afinco em favor daqueles que tinham perdido tudo por causa da guerra.

Em relação ao modo como esta nova ajuda da Economia de Comunhão deveria chegar aos destinatários, Chiara confiou na sensibilidade de quem a teria organizado. E nesses anos graças a estas pessoas tal ajuda, além de cobrir necessidades mais urgentes, trouxe consigo também preciosos frutos de reciprocidade e de Fraternidade. Atualmente se está buscando novos caminhos para favorecer a auto-suficiência econômica daqueles que ainda não possuem o necessário, e esta ação continua a abrir-se em círculos concêntricos, chegando a um número cada vez maior de destinatários. Em toda esta ação é fundamental que as pessoas beneficiadas se sintam protagonistas da própria história e não sejam relegadas simplesmente ao critério de pessoas assistidas.

Estes anos, que se passaram, foram muito intensos também em relação à reflexão científica e cultural, uma outra área de desenvolvimento da Economia de Comunhão, que Chiara confiou especialmente às novas gerações, e que teve um maior incremento a partir de maio de 1998 – ainda uma vez, e não por acaso, no Brasil – quando ela falou da necessidade de dar uma plena dignidade ao nosso Projeto, também no plano das ideias, isto é, na sua dimensão teórica.

Todas as pessoas que nesses anos, de uma ou de outra forma, se comprometeram com a Economia de Comunhão, contribuíram para lhe dar uma maior consistência e uma fisionomia mais definida. No entanto, devemos reconhecer que o Projeto da Economia de Comunhão deve ainda ser consolidado e, graças a todos vocês e a todos que o assumirão como próprio, o nosso Projeto poderá incidir ainda muito mais no mundo todo.

Pareceu-me muito significativo que no logotipo criado para esta celebração, vocês colocaram o ano de 2031, pois desejaram apontar para um futuro que hoje podemos apenas intuir e que certamente se delineará graças à contribuição, grande ou pequena, não importa, que todos vocês – verdadeiros co-fundadores da Economia de Comunhão –

estão dando e que, estou certa, continuarão a dar com dedicação e responsabilidade sempre maiores.

E hoje? Quais são os desafios para a Economia de Comunhão, depois de 20 anos do seu lançamento?

Creio que a Economia de Comunhão, não obstante hoje represente ainda uma pequena "semente de mostarda", contudo ela contém o potencial para transformar a realidade econômica a partir de dentro, não só das empresas, como também das famílias, das instituições financeiras, das políticas econômicas! Enfim, creio que nela existe o potencial necessário para mudar completamente o modo de agir de toda a atividade econômica.

Algo semelhante Chiara já intuía em seu discurso no lançamento do Projeto, pois se referia à Economia de Comunhão como a uma nova "via", a "via" da Fraternidade e da Comunhão na Economia, uma meta igualmente almejada na recente Encíclica *Caritas in Veritate* do Papa Bento XVI, que todavia, ainda hoje, é em grande parte desconhecida. É a este grande horizonte que eu gostaria de dar especial relevo, como missão e tarefa da Economia de Comunhão, em seu 20º aniversário.

Sendo assim, enquanto vocês se dedicam generosamente a um aspecto particular (a uma empresa, a uma Comissão Local, a um Projeto de Desenvolvimento, ou ao início de um novo Pólo de produção, etc.), exorto-os a estarem cada vez mais conscientes da grandeza do Projeto que a profecia de Chiara nos desvendou. É um apelo que chega até nós vindo do enorme número de pessoas excluídas, de jovens, que precisam encontrar novos espaços no mundo do trabalho e que desejam gastar as próprias energias em objetivos dignos e grandes. É o mundo inteiro que está nos interpelando, o mundo dos ricos e o mundo dos pobres, que hoje em dia, mais que nunca, está faminto de esperança. Este é um apelo que nos impele a nos comprometermos com eles, com muitas pessoas de boa vontade que, pessoalmente ou em grupos organizados, trabalham para uma Economia mais justa e mais humana. E, finalmente, gostaria de acrescentar, o que esperam de nós os já numerosos atores da Economia de Comunhão que estão no Paraíso, e que, no entanto, os percebemos sempre vivos e presentes em nós: são

mulheres e homens que concluíram a própria aventura terrena e que passaram às nossas mãos o bastão para que continuássemos a corrida.

A propósito, o lugar onde vocês se encontram, faz-me recordar hoje, de modo especial, de Ginetta Calliari e François Neveux; mas também de Spartaco Lucarini, um autêntico precursor da Economia de Comunhão.

Enfim, nestes dias tão importantes para o futuro da Economia de Comunhão, não podemos nos esquecer de que ela está inserida na finalidade pela qual o Espírito Santo mandou sobre a terra o Carisma da Unidade: *l'ut omnes* – Que todos sejam um – o Mundo Unido.

Mas, nada disso pode se tornar uma realidade enquanto os recursos do Planeta não forem distribuídos em modo équo. Nunca existirá um Mundo Unido se o espírito de comunhão não penetrar na Economia. Fazer surgir empresas e pólos produtivos, distribuir os lucros, atenuar a miséria de tanta gente, tudo isso, para nós, só encontra pleno significado e altíssima dignidade em vista do "Que todos sejam um".

Portanto, a Economia de Comunhão terá hoje um novo desenvolvimento se tiver como horizonte o Mundo Unido. Se assim for, será capaz de mover os corações, mover as atividades, entusiasmar todos aqueles que têm exigências de grandes ideais para os quais consumir a própria vida. Surgirá um novo tempo de criatividade onde todos vocês, empresários, trabalhadores, estudiosos, simples cidadãos, serão seus atores principais.

Estou certa que, com a ajuda de Deus e com a responsabilidade e generosidade de vocês, responderemos a este importante compromisso marcado com a história.

É com esta certeza que agora eu os deixo, cumprimentando a todos e assegurando-lhes o apoio constante do Movimento dos Focolares.